



Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Pose .
Ana Rafaela . Anita Fizon . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik .
Carmen Bello . Carmem Carvalho . Carmen Givoni . Celina Nolli . Celso Adolfo .
Cesar Paes Barreto . Chica Granchi . Cissa Jorge . Claudia Watkins . Conceição Durães . Cunha Bocayuva .
Daniele Bloris . Debora Carneiro da Cunha . Dora Portugal . Fernando Brum . Gilda Lima . Helio Vianna .
Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber . Falacio . Iraceia Oliveira . Isabela Bentes . Isabella Marinho . Istefania Rubino .
João Saboia . Joel Gama . Jorge Cerqueira . Lando Faria . Lena Tejo . Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Leticia Potengy . Lia do Rio .
Liana Gonzalez . Luah Jassi . Lucia Lyra . Luciane Villanova Cardoso . Luiz Norões . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Marcio Atherino .
Maria Cecilia Leão . Maria Perdigão . Maria Veronica Martins . Marta Bonimond . Matheus Varaschin . Mauricio Theo . Miguel Hijjar .
Nanda Cruz . Nilton Pinho . Olivio Neto . Paulo Mittelman . Pedro Bento . Pujollil . Regina Moura . Renata Barros . Roberta Salgado .
Roberto Negri . Robinson Oliveira . Rosangela Soares Pinto . Ryan Paes . Sandra Macedo . Sandra Schechtman . Stela Kaz . Teresa Coelho .
Teresinha Mazzei . Thairna Patricia Lee . Vera Lins . Verônica Camisão . Vilma Lima . Vitoria Marini . Zoravia Bettiol .

ZAGUT

Abertura

15 Setembro às 19h
2021

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

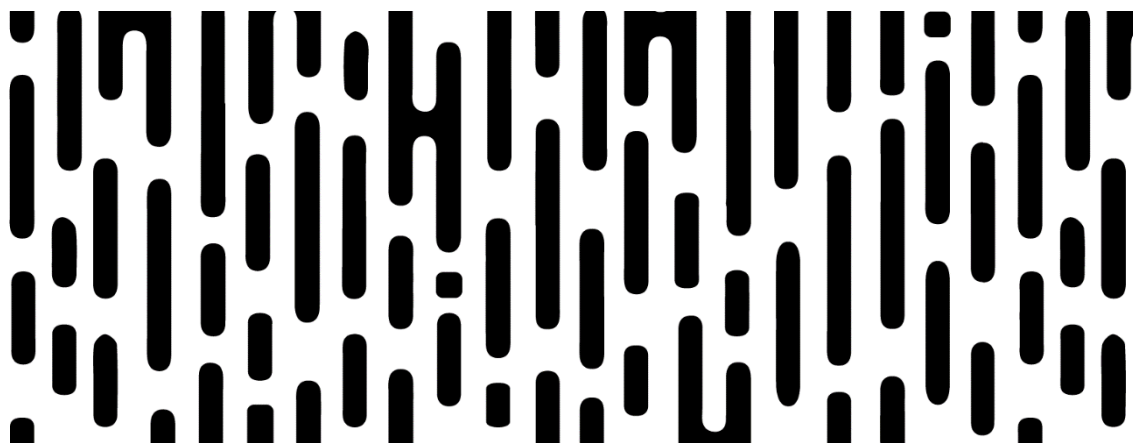
Ensaio crítico: Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



Boca no Trombone

O artista é capaz, através de sua obra, de demonstrar os anseios de sua época. No Brasil a impressão era proibida antes da chegada da família real às terras, e após o advento, havia intensa censura ao que era publicado.

Mas foi graças às imagens disponíveis para a população majoritariamente que importantes ideias foram sendo semeadas, como as da independência e a da abolição da escravidão, ocorrida com tanto atraso com relação ao resto do mundo. Nos EUA, o romance “A cabana do Pai Tomás” teve enorme importância na causa. Desde então, se percebe e se estuda que a arte tem poder de ativar a empatia das pessoas.

Há obras de arte com temas políticos, como Guernica de Picasso, trabalhos na era do Vietnã de Norman Carlberg, imagens de torturas em Abu Ghraib de Susan Crile. Obras capazes de ativar reflexões profundas. São oportunidades de gerar importantes mudanças na sociedade.

Em épocas de grandes conflitos sociais, como em ditaduras, como ocorreu na brasileira, os artistas são vozes que são perseguidas, ocasionalmente até mesmo com a morte. No Brasil não faltam exemplos de artistas que foram para o exílio, assim como nos outros países latino-americanos. Também ocorreu contra o partido nazista alemão, bem como aqueles que se opunham ao apartheid na África do Sul.

E, bem atuais, Nina Simone e Beyonce protestaram com sua música, sobre o racismo nos EUA, gerando grande impacto.

Esta exposição tem obras que falam das mais diversas questões que têm sido importantes para a sociedade brasileiras, e pelas quais ela precisa se posicionar. Ecologia, machismo, racismo, homofobia, questões indígenas, qualidade de seus políticos, de seu sistema educacional, etc. Mais do que nunca, os números brasileiros da pandemia que já falam por si de como tem sido a gestão da mesma.

E, lembrando o Velho Guerreiro, já que nada se cria, tudo se copia, esta exposição não é pra explicar, mas pra confundir! Pra criar profundas reflexões!

Todo o povo brasileiro! Aquele abraço!

<https://artout.com.br/arte-como-protesto/amp/>

<https://www.google.com.br/amp/s/www.hisour.com/pt/protest-art-27272/>

<https://www.google.com.br/amp/s/www.geledes.org.br/arte-e-protesto/%3famp=1>

<https://sites.usp.br/prolam/ausencia-e-presenca-dos-desaparecidos-politicos-na-arte-contemporanea-algumas-estrategias-artisticas-na-argentina-e-chile/>

Canção incidental Gilberto Gil.

O papel da arte na constituição de mundos

Carlos Vinícius da Silva Taveira

Doutor em literatura cultura e contemporaneidade

Mestre em teoria da história da arte

Seria possível imaginar o papel da arte no mundo e o seu desempenho na sua efetiva transformação? A resposta a essa pergunta é ambígua, pois em parte depende do que consideramos como um objeto de arte e, também de uma constelação de outros fatores, da qual não podemos precisar de antemão, sendo restritos ao contexto de cada acontecimento e experiência artística.

Mas podemos esboçar que a arte é algo presente no mundo, e por isto deduzir que exerce um papel de afetá-lo, de transformá-lo, construí-lo. O tema da exposição mensal da galeria Zagut que ocorrerá em setembro é o epíteto “colocar a boca no trombone”. A expressão possui uma circulação popular profunda e está cristalizada na cultura como expor ao mundo uma situação que estaria errada e que o grande público deveria tomar conhecimento. Sua origem é imprecisa remetendo a diversas ocorrências dispares, mas sua performatividade pode explicar um pouco de sua existência.

Colocar a boca no trombone nos remete diretamente ao ato de tocar o instrumento musical de sopro. Transferir o que está dentro em forma de ar em uma exteriorização na realidade, ou seja, uma metáfora de manifestar sua subjetividade. A estridência e a potência do som podem ser interpretadas como uma vocalização de algo, ou mesmo, uma tentativa de grito. Uma performance do corpo para se atingir diretamente a realidade. Uma expressão que seja capaz de transmitir, no mínimo, um desconforto ou insatisfação.

Porém podemos considerar que os meios de se colocar a boca no trombone são múltiplos, e que um artista como um construtor de objetos, ao fazer arte, mesmo que esta não seja engajada politicamente, está posicionando seu interior no mundo e agindo de forma a transformá-lo. Esse catálogo é uma pequena contribuição e tentativa para afetar e metamorfosear o mundo.

Ao leitor que o está vendo/lendo/sentindo ou interagindo de outra maneira com esse livro imagine que cada obra é uma coletânea de manifestos

visuais e que exprimem um pequeno desejo em forma de expressão. São criações que saem dos corpos dos artistas e que procuram tocar os corpos dos expectadores. Dessa conjugação de artistas, de curadores nos nomes de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff que propomos pensar e gritar juntos para que possamos de alguma maneira sensibilizarmos o mundo.

O grito das imagens

Imagem e imaginação tem o mesmo radical em “imag” e que significa formar imagens da realidade. Podemos expandir essa palavra e pensar como imaginar é um instrumento que não só gera a realidade, mas a atravessa e vai além. Imaginar é realizar uma poética que perfura o real, e deixa uma potência para o futuro que pode germinar novidades.

Nesse catálogo abordamos principalmente o aspecto visual dos trabalhos de arte, mas que podem examinados por outras vertentes com a ajuda de som nos vídeos, que cada um dos artistas produziu, e que se encontram na página do Youtube da galeria. Também devemos salientar que cada obra pode nos tocar em outros sentidos com sua presença física que ainda é limitada pelo momento pandêmico que atravessamos.

O conteúdo presente nessas páginas é composto de imagens e delas que devemos pensar como interventoras no mundo. Um dos maiores desafios da contemporaneidade nesse início de novo milênio é pensar como as relações com as imagens se transformaram em um mundo em que a tecnologia é capaz de fornecer um sentimento de simultaneidade nunca visto anteriormente na história da humanidade. A sociedade dita, pós-moderna, é inundada a cada segundo com um infinito número de novas imagens produzidas das mais diversas formas, desde máquinas fotografias presentes nos celulares de última geração, até a criação em diversos outros suportes criativos das artes como a pintura, gravura e outros. Os caminhos visuais, virtuais e tecnológicos para colocarmos a boca no trombone digital caminharam para o infinito.

Atualmente a fronteira entre arte e tecnologia se torna cada vez mais porosa e o significado do que é um objeto artístico pode ser posicionado como um dos grandes debates que perpassaram o século XX e que chegou aos

nossos dias com respostas das mais variadas formas e origens. Pesquisar e propor respostas a esses problemas é um dos desafios que o filósofo e historiador da arte francês Georges Didi-Huberman buscou enfrentar em seus livros. Em uma vasta coletânea de obras compostas por características e objetos heterogêneos, várias soluções peculiares são apresentadas pelo autor como um convite a reflexão e a possibilidade de encarar velhos problemas sob novos ângulos.

Filho de um pai artista e pintor de quadros, a imagem e a arte são temas recorrentes na escrita dos livros e artigos de Georges Didi-Huberman. Com formação na área de antropologia, a transdisciplinaridade é a marca principal do seu trabalho, utilizando todo um arcabouço teórico e conceitual pertencente as mais variadas disciplinas acadêmicas como filosofia, psicologia, história da arte e antropologia. Trata-se de um intelectual capaz de montar argumentos com uma sensibilidade que cria soluções para diversos problemas pouco abordados no pensamento da atualidade.

Um desses desafios enfrentados, é a relação entre imagem e temporalidade na história da arte e que pode servir para denotarmos como a arte possui uma dimensão temporal capaz de inferir na realidade, sempre a inundando com uma nova perspectiva. A crítica proposta pelo autor faz uma reflexão sobre dois pontos que busco ressaltar para abriremos esse debate: Primeiro no que a disciplina acadêmica da história da arte tem abordado e se estruturado academicamente com o objeto da arte e que se manteve até a desconstrução ocorrida no século XX, e em segundo que tipo de relação com a imagem presenciamos nas abordagens atuais, das quais, a crítica de Didi-Huberman busca analisar.

A primeira questão para pensarmos é acompanhar o papel dado a imagem no livro intitulado "*Diante da imagem*" escrito no início dos anos noventa, mas que somente chegou ao português brasileiro há pouco mais de sete anos. O livro buscou realizar uma genealogia da relação da história da arte com sua fundação no renascimento e de como boa parte dessa construção chegou aos nossos dias mediante uma herança ainda pouco criticada em cursos da disciplina história da arte, e também na cultura mais ampla que ainda mantêm a palavra arte como sinônimo de pintura.

Para o autor a imagem vira uma espécie de objeto altamente enquadrado em um sistema teórico e cultural no renascimento que se perpetuou no tempo. Para aprofundarmos esse raciocínio de uma maneira geral, basta dizermos que um dos grandes pilares de mudança no renascimento foi a criação de uma relação entre sujeito e objeto que em várias áreas significou uma total subordinação da natureza perante o intelecto do homem. O debate no campo da crítica de arte renascentista seguiria essa tendência ao posicionar o papel do artista comparado inadvertidamente com o trabalho em outras profissões. Isso significou apontar um olhar sobre o artista como pertencente a uma determinada cadeia de produção e que socialmente poderia ser hierarquizada pela sua criação.

O resultado dessa categorização é a criação das chamadas “belas artes”, um conjunto limitado de expressões artísticas que são mostradas de forma verticalizada como superiores as outras. De um lado essa estruturação gerou uma exclusão de outras formas artísticas e de outro a criação de um espaço legitimado e de um discurso capaz de ditar os limites da recém-criada disciplina da história da arte.

A digno de ilustração basta pensarmos em um dos principais instrumentos de representação estética de imagens, no caso, a “perspectiva geométrica” como um elemento de sustentação e estabilização das imagens pictóricas no espaço da tela que se difundem na arte, foi produzida no renascimento. As obras poderiam variar em personagens narrativos, mas a percepção de uma imagem que se afastava do olhar do espectador, mantinha uma sensação de continuidade do espaçamento físico. Isso significou a valorização de uma linguagem restrita na arte, e uma limitação no campo representacional da imaginação.

Do ponto de vista social o artista ganhou uma significância social que renderia um status de atuação e uma forma delimitada de produzir. Isso não significa dizer que houve uma diminuição do papel de grandes pintores que revolucionaram a história da pintura como Leonardo da Vinci, Rafael, Michelangelo e outros que em suas respectivas obras artísticas apresentaram inúmeras inovações, mas sim, apontar como ocorreu no período do renascimento a criação de uma escola de produção de pensamento que inferiu de um lado na produção da arte e de outro na recepção e crítica sobre o olhar

perante a arte. A arte era uma representação do mundo com códigos que deveriam ser seguidos, e não, uma invenção da realidade. A possibilidade de expressão e crítica mais ampla ficava restrita a pontos secundários nos trabalhos dos artistas.

Em seu livro “Produção de presença”, o teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht, chama a atenção como no renascimento foi produzido uma relação de olhar em primeira pessoa, que se diferenciava do olhar em reflexo ou em espelho e que seria uma característica da cultura chamada barroca. A ideia no renascimento foi posicionar o homem perante todas as outras formas da natureza, porém mantendo a imagem de Deus como o criador do mundo. Talvez os conceitos que mais deem conta dessa diferenciação sejam os apresentados pelo historiador da arte italiano Giulio Carlo Argan que chama atenção para uma “razão cartesiana” de um lado para se referir ao renascimento e de outro de uma “razão social” para pensar a cultura oriunda do barroco, sendo a principal diferença entre ambas, a manutenção de uma relação entre sujeito e objeto na primeira, enquanto na segunda ocorre uma relação entre sujeito e sujeito.

Se quisermos pensar em uma aproximação com a crítica efetuada por George Didi-Huberman em suas obras, poderíamos aproximá-lo como possuidor de uma forma de pensar que lembra a “razão social”, porém tomando todo o cuidado de não o enquadrar nesse conceito e salientando que seus escritos apresentam uma visão bem heterogênea que impossibilitam uma sistematização em categorizações escolásticas consideradas fechadas. O que podemos apontar é a forte presença da fenomenologia, sobretudo via o pensador francês Merleau Ponty em alguns de seus escritos que lembram um pouco a relação em “espelho” citada anteriormente, onde ocorre uma troca entre sujeito e sujeito.

Se retornamos ao já citado livro “*Diante da imagem*” podemos observar a contribuição da fenomenologia no próprio título escolhido para a obra. Estar “diante” é o ponto de partida para toda a argumentação proferida pelo autor e uma necessidade primária para a análise da obra de arte. Basta dizermos que o livro começa justamente após a análise de uma pintura renascentista do artista e religioso Fra Angelico efetuada no teto do seu quarto em um convento na Itália, e que foi estudada em outro livro de Huberman publicado em 1992 chamado de “*l’image oubliée*” (“A imagem aberta” - Tradução minha).

Uma obra de arte é resultado de um trabalho efetuado por um artista, e em alguns casos, da colaboração com o público que compõe o processo de criação artística. Trata-se de ter uma autoria única, ou mesmo compartilhada. Isso leva a interrogarmos como o uso, ou necessidade de expressão, implica também em repensarmos os componentes que estruturam o processo de criação. Um criador pode pensar em colocar sua subjetividade, ou melhor, “a boca no trombone” em um objeto, mas sua efetividade só se conclui com o diálogo com o outro.

Estar presente é uma necessidade para compreender a obra de arte e o livro *“Diante da imagem”* que se concentra em realizar um trabalho epistemológico nos alicerces da história da arte pensando em como essa ação foi perdida dentro da produção dos estudos historiográficos da imagem e no significado do que uma imagem pode realizar. Em 1985 com outro livro chamado *“A pintura incarnada”*, publicado também há poucos anos no Brasil, Huberman realizou um trabalho, em relativas poucas páginas, mas de grande conteúdo conceitual em que proporia uma nova forma de abordagem das imagens. O livro é uma coletânea de conceitos construídos ou empregados pelo autor como forma de contrapor a imagem analisada somente pelo viés de símbolos em comum de um contexto cultural, e abri-la para outras dimensões.

Para Huberman o que importa é a possibilidade de uma abertura para a obra de arte ser capaz de romper com contextos e interpretações cristalizadas no que considera como saber. Em outras palavras é necessário trabalhar sempre com um paradigma do não-saber para pensar a arte. Essa crítica é direcionada justamente aos estudos da arte apresentados em sua grande maioria por historiadores baseados nos estudos iconológicos presentes na teoria de Erwin Panofski que abordou a obra por uma perspectiva amplamente contextual, sem dar a devida atenção aos detalhes, ou mesmo, aos fragmentos capazes de impor novas perspectivas.

A obra de arte deveria ser trabalhada também como um objeto com vida, e não como algo limitada a uma escala temporal. O filósofo nos chama a atenção em como para a história parece existir uma necessidade de se trabalhar com objetos ditos mortos, ou incapazes de mostrar algum sinal de vida. Ao contrário disso, as imagens são analisadas pelo autor sobre um ângulo de suas

sobrevivências contidas na capacidade de permanecerem vivas ao passar do tempo.

Com isto, a imagem ganha uma situação contraditória em seu posicionamento temporal, pois ao mesmo tempo que é um objeto criado em um determinado momento da história, em outro é capaz de apresentar uma multiplicidade de temporalidades distintas ou até mesmo um anacronismo.

Conclusão.

Apresentar uma análise crítica do discurso vencedor do renascimento sob a ótica de Didi-Huberman é pensarmos como a arte contemporânea abriu caminhos e inventou processos para que possamos gritar e colocarmos para fora nossas mais profundas inquietações. Arte, entre outras possibilidades, se trata de criarmos linguagens que sejam capazes de expressar o que muitas vezes não conseguimos ao menos nomear.

Para concluir, ao caminhar pelas próximas páginas desse catálogo e perceber a variabilidade de linguagens, de polissemia, de sussurros, ou de urros e alaridos presentes nas obras, pense no desafio enfrentado pelos artistas na produção desses trabalhos e de que tipo de sensibilização criou em você.

Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. Imagem e persuasão: ensaio sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A pintura encarnada: seguido de A obra-prima desconhecida, de Honoré de Balzac. São Paulo: Escuta: Ed. FAP-UNIFESP, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. Lisboa: KKYM, 2012

Ana Cristina Teixeira



Deusa da Beleza; acrílica s/ papel; 40 x 30 cm; 2021

Ana Luiza Mello



Alôooooooooo Brazil!; desenho e colagem digital, impressão fine arte; 30 x 42 cm; 2021; tiragem 5

Ana Pose



O nó na garganta; fotografia, impressão fine art com pigmento mineral s/ papel;
60 x 40 cm; 2021

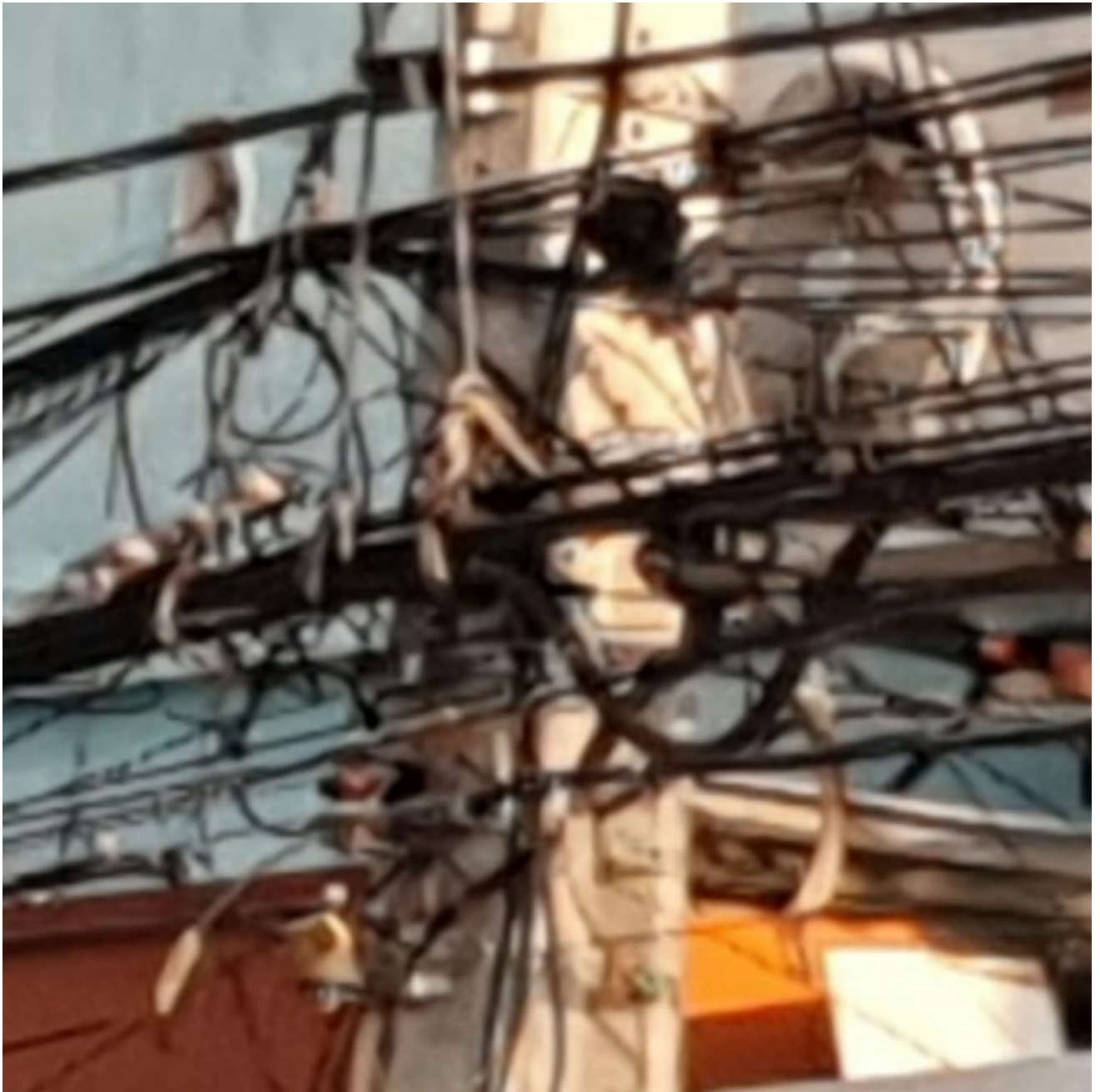
Ana Rafaela



Três faces; óleo s/ tela; 30 x 40 cm; 2021

As expressões radicais que são expostas cotidianamente em nossas vidas transcendem o imaginário do "falar". Em certas circunstâncias colocamos a boca no trombone através de um sorriso largo, de uma feição angustiosa, ou até mesmo gritando. Não importa, o que se prioriza é a expressão.

Anita Fizon



Gambiarra; fotografia impressa em Canvas; 30 x 40 cm; tiragem 5; 2021

Augusto Herkenhoff



12/18

Augusto 2021

Fora; linóleo s/papel; tiragem 18; 39 x 29 cm; 2021

Bahie Banchik



A expulsão do Paraíso Amazônico; monotipia e colagem s/ madeira; 40 x 30 cm; 2021

Carmem Carvalho



Chacrinha; esculturas esculpidas em argila, moldada em gesso e acabamento com pintura, técnica mista; 26 x 24 x 12 cm; 2018

Carmen Bello



They shall not pass; acrílica s/tela; 20 x 30 cm; 2021

Carmen Givoni



Desamparo; acrílica s/ tela com intervenção digital, impressão fine art; 40 x 40 cm; 2021

Celina Nolli



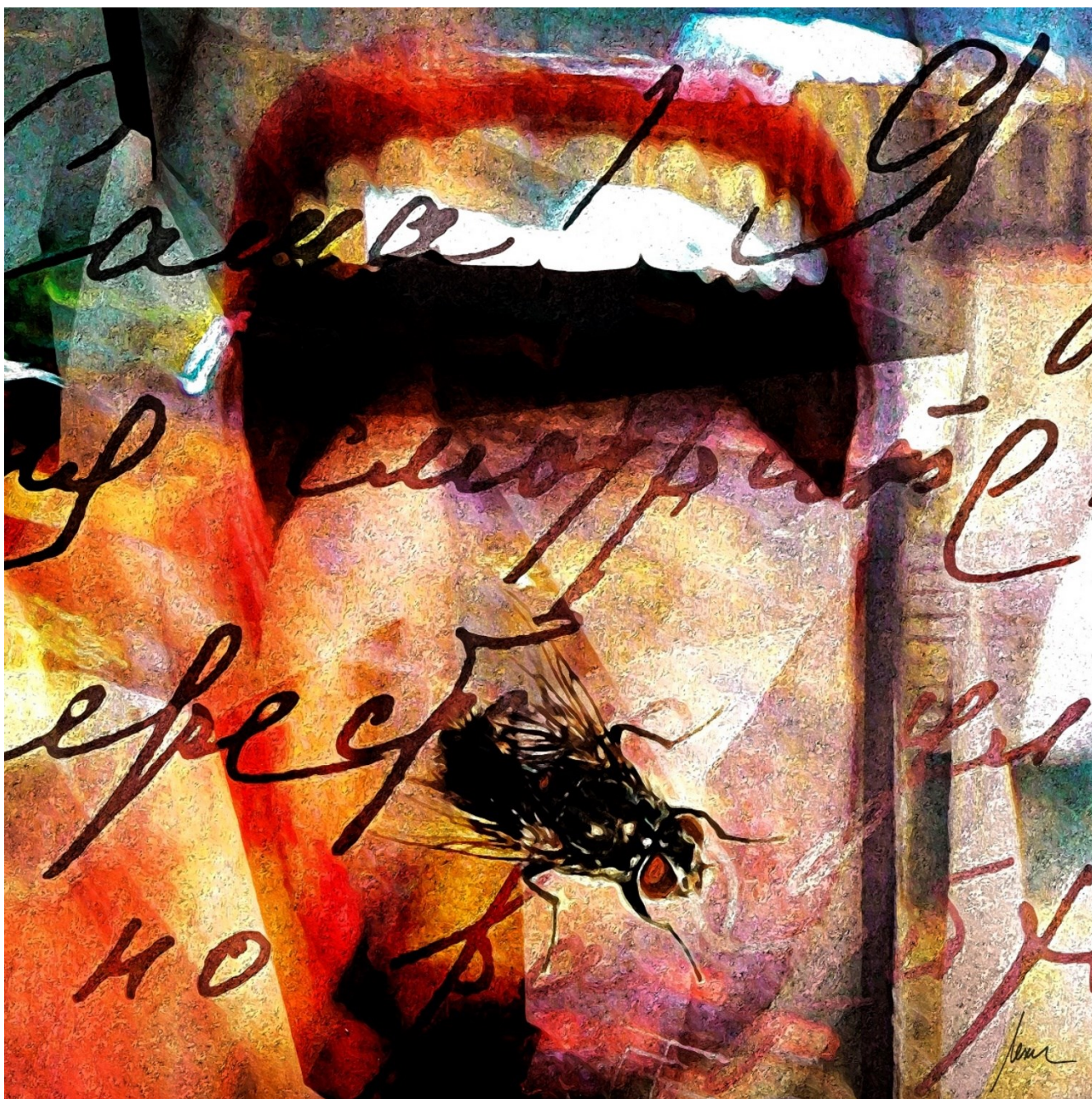
Ruptura; fotografia, manipulação digital e desenho digital, impressão fine art em papel texturizado Canson Arches Aquarelle 310 g.; 42 x 60 cm; 2021

Celso Adolfo



Não Entendeu...Vou Desenhar; esmaltação cerâmica; 40 x 40 cm; 2021

Cesar Paes Barreto



Em boca fechada...; arte digital em smartphone, impressão em papel Canson matte 180g, com tintas de pigmento mineral, formato 40 x 40 cm; 2021

Chica Granchi



Esta é a minha Bandeira; hidrocor s/ papel Canson; 21 x 29,7 cm; 2021

Cissa Jorge



A Feira; acrílica s/ tela; 100 x 80 cm; 2021

Claudia Watkins



Desarvredo; acrílica e pigmentos s/tela; 100 x 100 cm; 2021

Conceição Durães



Vocês querem bacalhau?; trabalho digital, tiragem 1/5; 30 x 40 cm; 2021

Cunca Bocayuva



CB

In extremis, dor e música; desenho digital para impressão s/ papel; 60 x 60 cm; cópia única

Daniele Bloris



Picadeiro; aquarela e posca s/ Canson; 30 x 40 cm; 2021

Picadeiro (texto Andrea Estevão – Coletivo Redemoinho)

Da ponta do dedo do velho guerreiro, num picadeiro de som e de fúria, se desenha o círculo, se reinventa a roda. No ar e na imaginação expectante se desenham horripilindas quimeras. E numa intensidade de luzes e brilhos e cores e música, um universo paralelo se instaura, ao vivo, em cada caixa de pandora, nas salas de estar. Entre fonfons e fiufius, crianças travessas que somos, de norte a sul, de leste a oeste, nos irmanamos numa atmosfera de afetividade bruta. Olhos vidrados no sinuoso dos rebolados, nas piruetas da trapezista, nas cambalhotas dos malabares, seguimos atentos e esquecidos que a vida é riso, que a vida é risco.

Débora Carneiro da Cunha



Burning my teeth; fotografia digital, impressão fine arts; 40 x 60 cm; tiragem 10
2021

Dora Portugal



O Grito II; acrílica e esmalte s/ tela; 40 x 30 cm; 2021

Gilda Lima

Poema: Sherlock Pensa; Papel Cartão Impresso; 21 x 24 cm; edição única;
2021

Sherlock pensa

investigo por que pode acontecer
que pessoas encarem
outras pessoas de frente
e ao relento.

Uma vira de costas, depois outra
e mais outra
até todas

Helio Vianna



Foda-se, série Ódio Sobre Tela; acrílica s/ tela; 45,5 cm de diâmetro; 2021

Hortensia Pecegueiro



Até quando?; técnica mista s/ papel Canson; 38 x 26 cm

Ilda Fuchshuber Falacio



Precarização; acrílica s/ tela; 19,5 x 29,5 cm; 2021

Iraceia de Oliveira



2018; escultura de papier machê s/ papelão despelado; 41 x 45 cm; 2019

Isabela Bentes



Boca no trombone; colagem digital, impressão fine art; 30 x 30 cm; 2021

Isabella Marinho



Sem título; técnica mista s/ papel 220g em quadro com vidro; 30 x 42 cm; 2017

Istefânia Rubino



Sirva-se: prato para a (des) Educação; colagem de papel s/ papelão; 20 x 20 cm; 2021

João Saboia



A Arte por um fio; fotografia, impressão digital; 30 x 22 cm; tiragem: 10 cópias; 2020

Joel Gama



V.E.F.?! Ubuntu; óleo s/ tela; 27 x 39 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Grito amordaçado; xilogravura; 96 x 57 cm; tiragem 10; 2021

Lando Faria



Xô; desenho digital; 60 x 90 cm; 2021

Lena Tejo



Pontacabeça Brasil; técnica mista; 44 x 9 x 40 cm; 2021

Lenn Cavalcanti



Ondas sonoras; acrílica s/tela, 50 x 50 cm; 2021

Let Cotrim



Troféu Brasil 2021; fotografia digital impressão em papel fine-art Hahnemühle Baryta; tiragem 20; 50 x 37,5 cm; 2018

Quantos caminhões de troféus abacaxi o Velho Guerreiro precisaria para premiar os “calouros” que desgovernam o Brasil de 2021? A essa altura, e no estado em que o país se encontra, nem mesmo a Teresinha responderia ao seu chamado...

Leticia Potengy



As Minas Geraes; técnica mista, aquarela e giz de cera; 25 x 32,5 cm; 2021

Lia do Rio



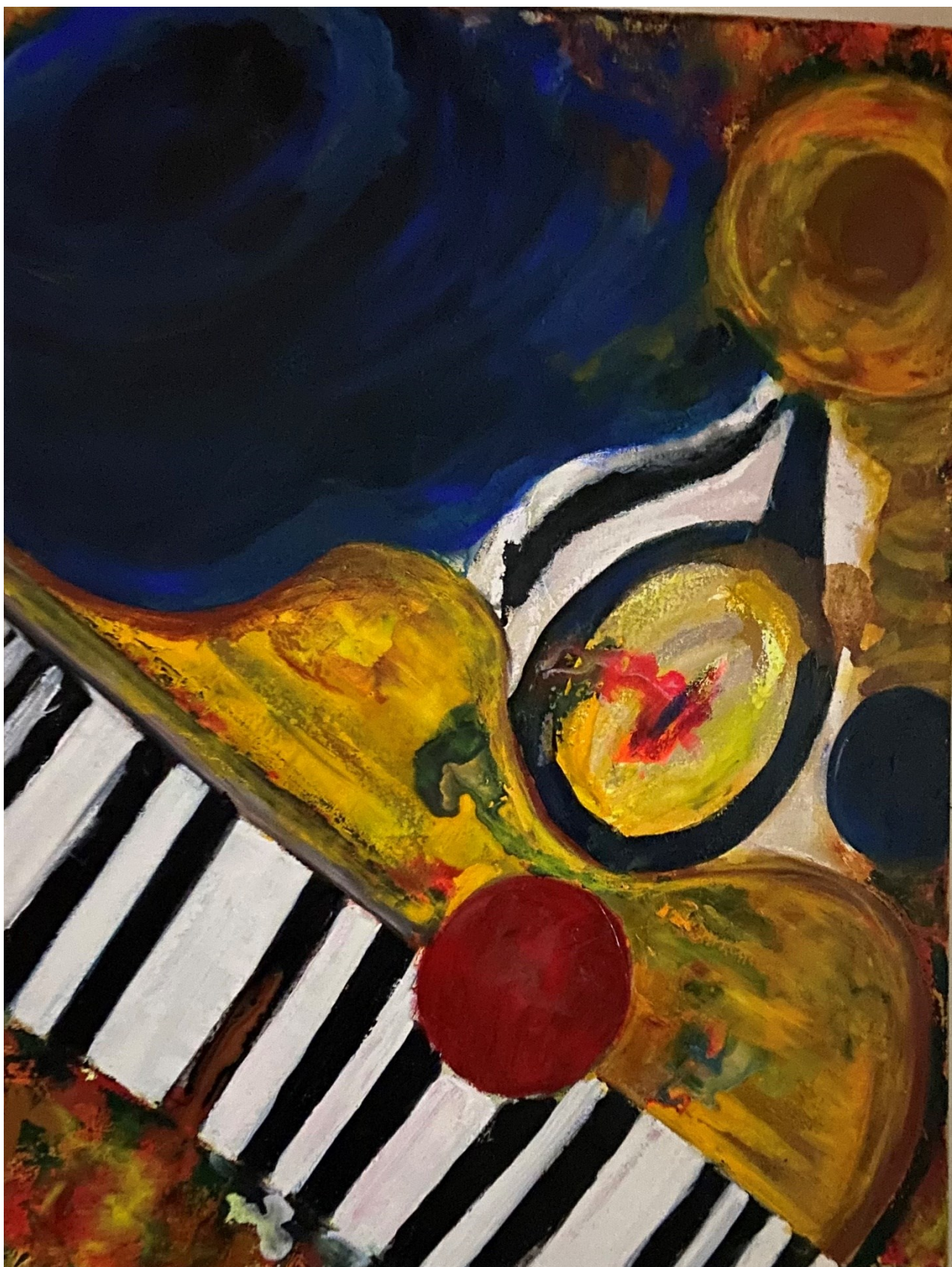
O Grito Ancestral; impressão fotográfica; 30 x 30 cm; cópia única; 2006

Liana Gonzalez



Eu estou no rosto que você não vê e meu corpo não é meu; técnica mista s/
papel Canson 300gr; 30 x 42 cm; 2021

Luah Jassi



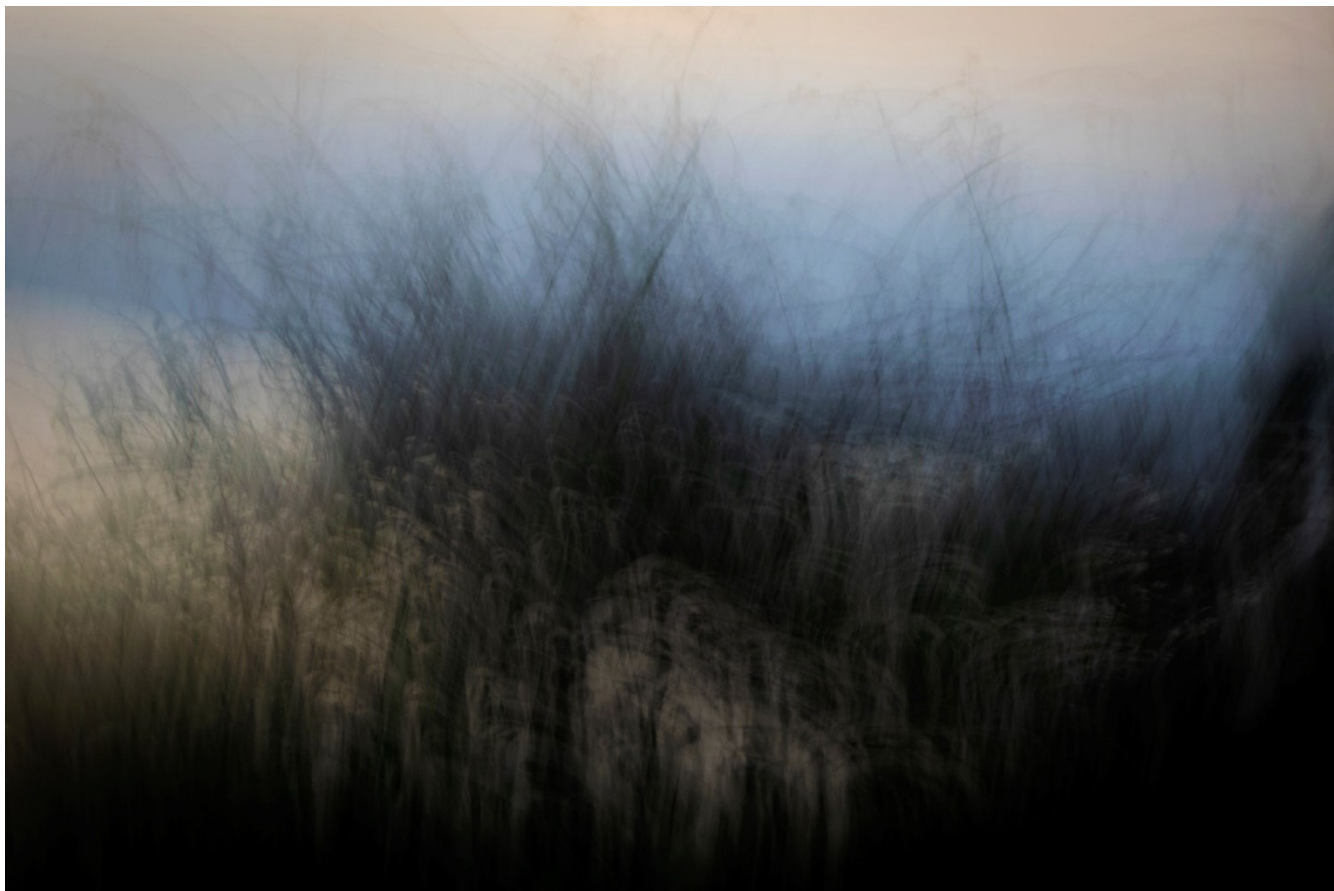
Sem título; técnica mista com acrílica; 60 x 80 cm

Lucia Lyra



SOS Amazônia; acrílica s/painel; 50 x 50 cm; 2021

Luciane Villanova



Ruptura; fotografia digital impressa em papel 100% algodão Hahnemuhle
PhotoRag 308gsm; 30 x 45 cm; tiragem: 1/5; 2019

Luiz Norões



Sem título, óleo sobre tela, 141 X 138 cm

Marcelo Veiga



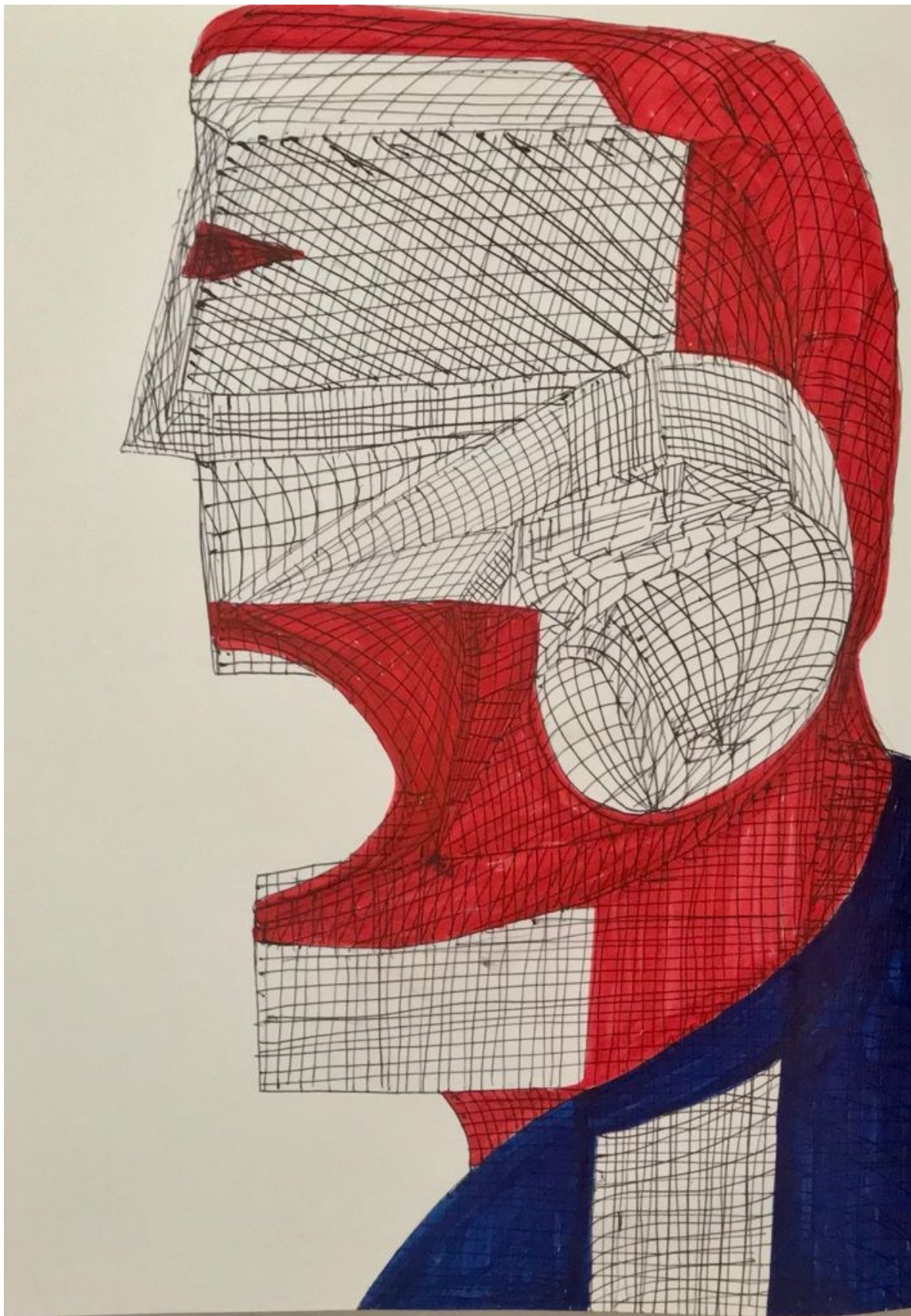
Chacrinha: Gente como a gente; técnica mista: nanquim, canetas, colagem s/ papel Couchê; 21 x 29 cm; 2021

Marcia Cavalcanti



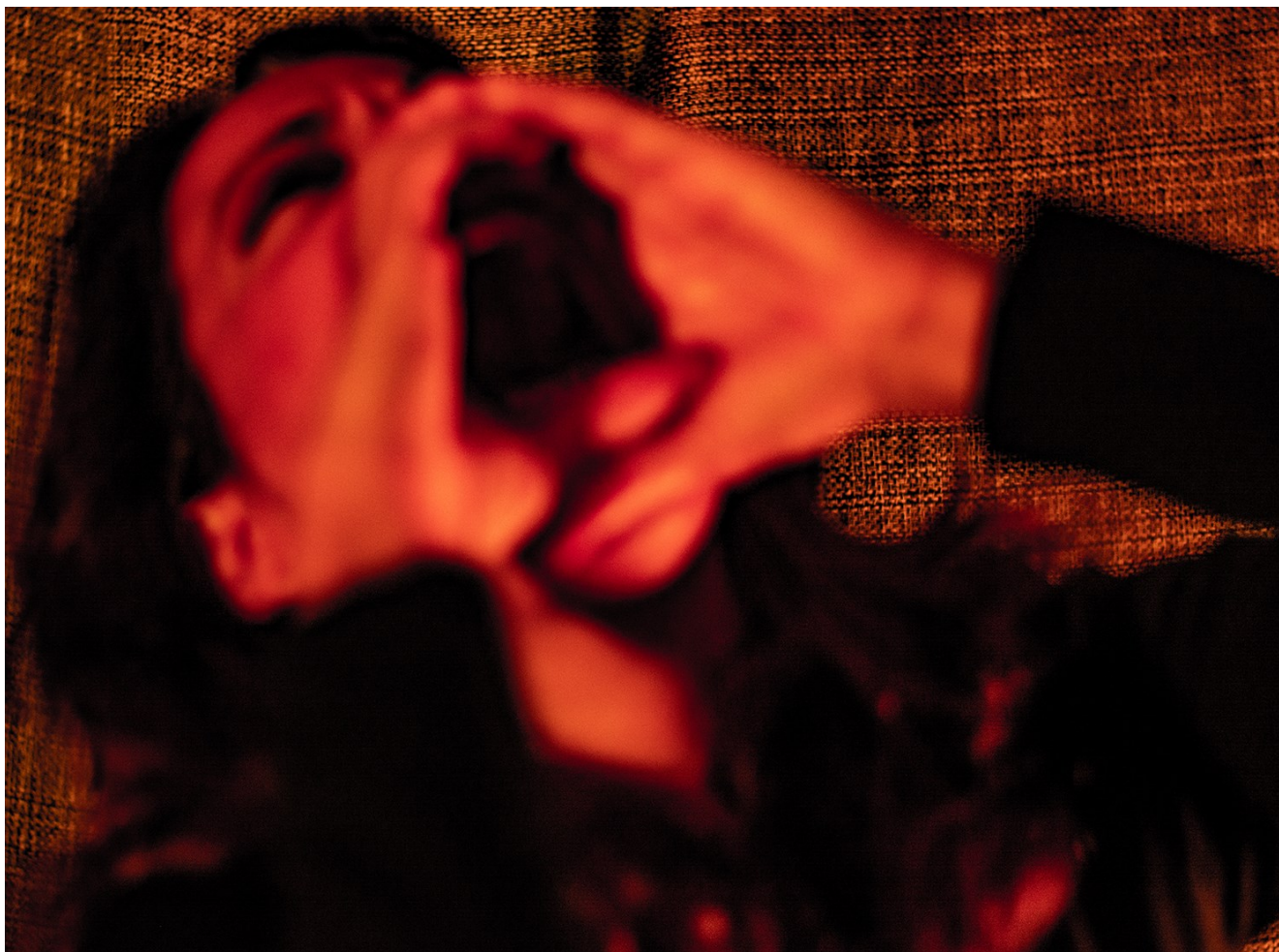
Consumo e falta; óleo s/ tela; 42 x 32 cm; 2020

Marcio Atherino



Sem título, da série Isolado; técnica mista s/ papel; 32 x 40 cm; 2021

Maria Cecilia Leão



Meu grito ecoando; fotografia impressa em fine art papel Hahnemühle Photo Rag Baryta 308 g; tiragem 1 de 5; 30 x 40 cm; 2021

Maria Perdigão



Indian's Gaze; pigmentos Naturais e micro cristais de Amazonita s/ tela; 50 x 50 cm; 2021

Maria Verônica Martins



Truculência; aquarela; 30 x 42 cm; 2013

Marta Bonimond



O Escafandrista; técnica mista; 40 x 60 cm; 2020

Matheus Varaschin



mds 21/30 2020; fotografia digital, impressão fine art; 28 x 35 cm; 2020; tiragem 10

Maurício Theo



Conclusão; fotografia digital s/ papel fotográfico; tiragem única; 30 x 42 cm; 2021

Miguel Hijjar



Paisagem - Inventando a natureza; fotografia digital impressão fine art em papel algodão com tinta ecológica inkjet de pigmento mineral em base de água; 50 x 100 cm; 2019; tiragem: 10 cópias

Nanda Cruz



Feliz Ano Novo; impressão fine art em papel celulose Hahnemuhle Studio Enhanced; 65 x 45 cm; tiragem: 1/20; 2021

Nilton Pinho



A Boca no Trombone; caneta posca s/ napa s/ espuma; 44 x 39 cm; 2021

Olívio Neto



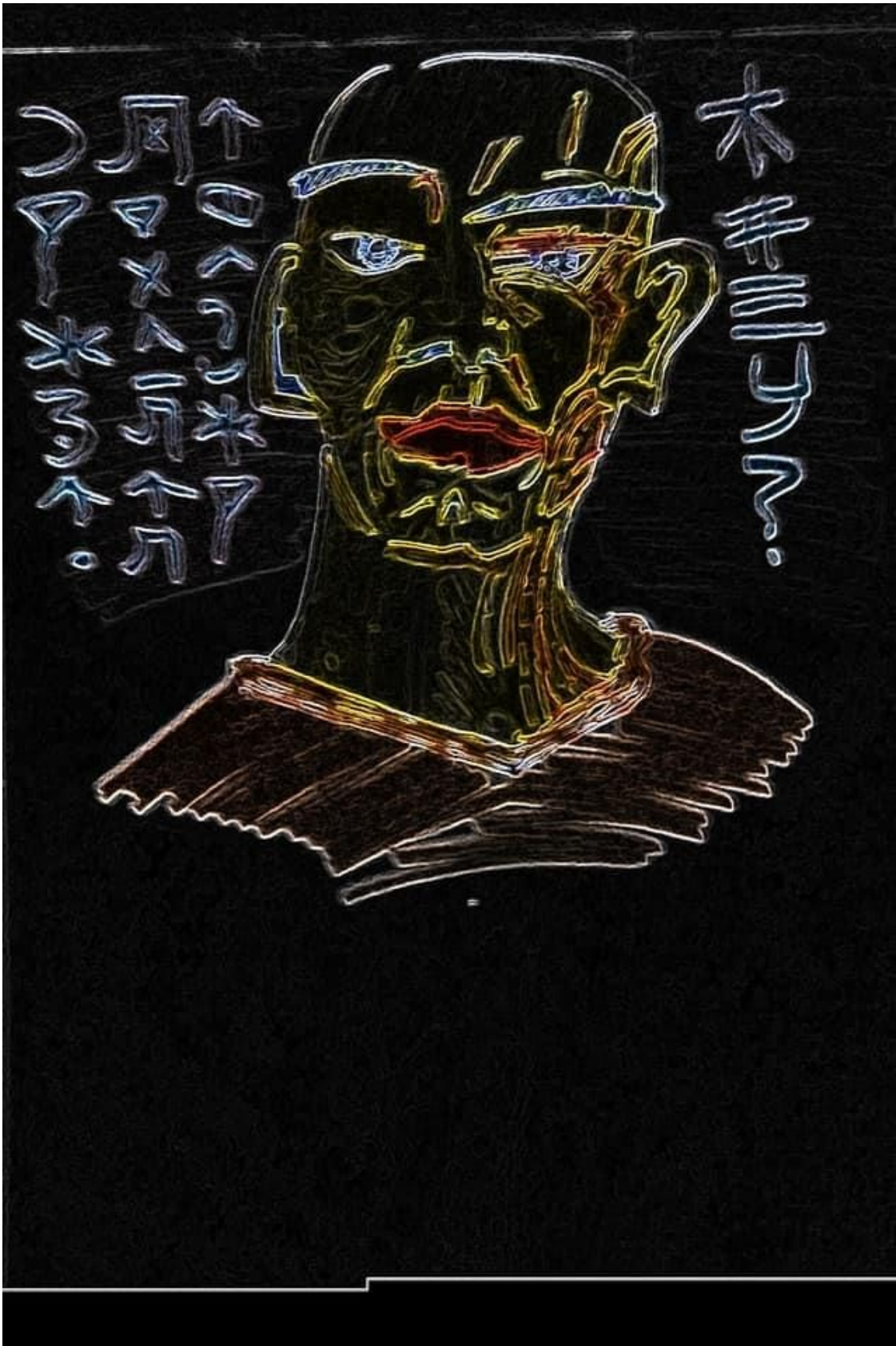
Flor Resinada do Cerrado; técnica mista: acrílica e resina s/ tela; 60 x 80 cm;
2021

Paulo Mittelman



Bom dia Rio! (Good Morning Rio!); fotografia trabalhada digitalmente, impressão fine art com tinta de pigmento mineral s/ papel especial de algodão; 30 x 40 cm, tiragem:10; 2011

Pedro Bento



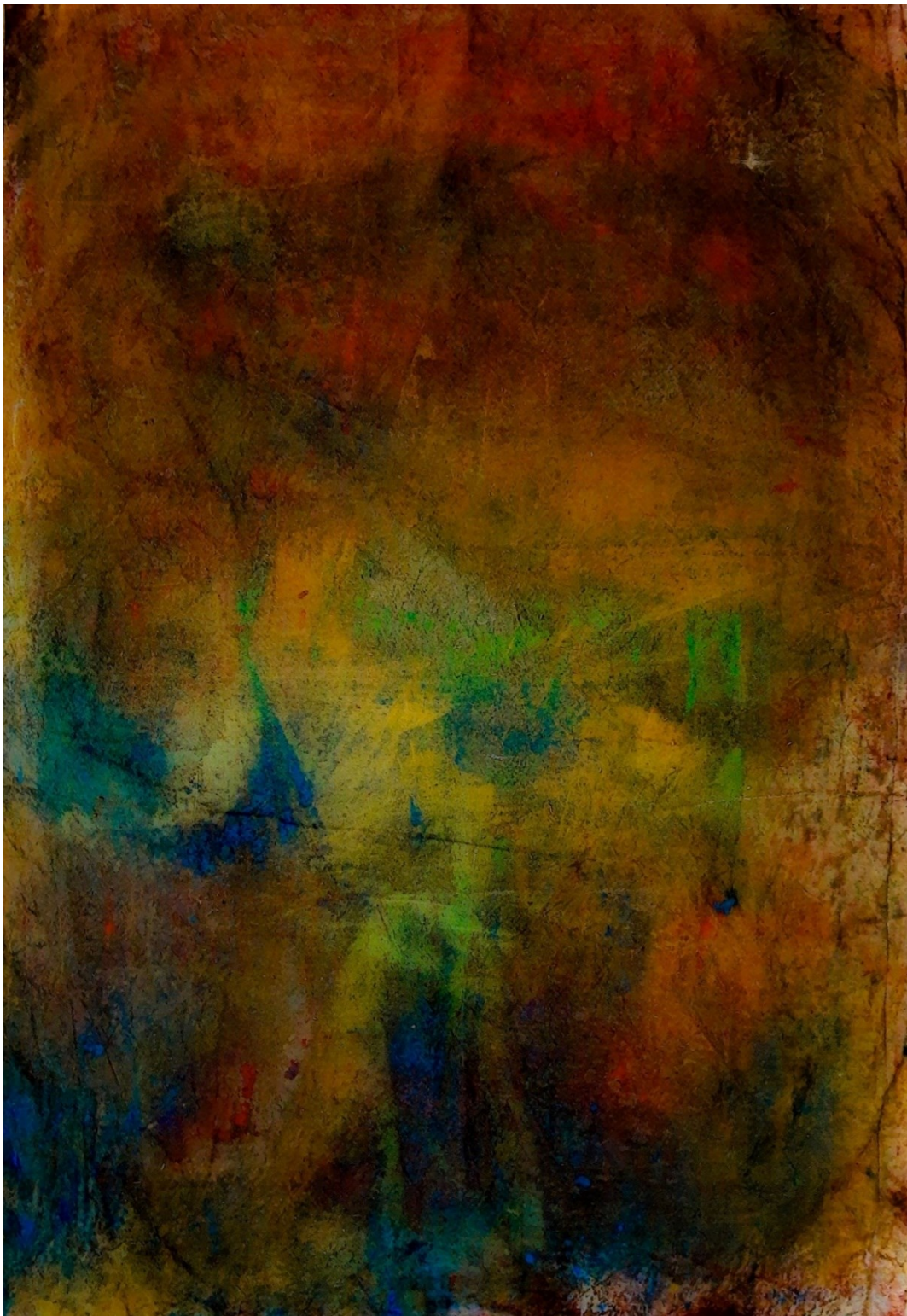
Segredo; arte digital (técnica mista); 637 x 960 pixels; 21 x 30 cm; 2021

Pujollll



Anjos; video, 3D occulted; direção Gondris; tiragem 5; 2 min; 2021

Regina Moura



Asema; técnica mista / impressão fine arts s/canvas; 35 x 50 cm; 2021

* asema (grito em tupi)

Quando a arte denuncia e bota a boca no trombone...aqui, sensibilizada pela questão indígena no Brasil...

Talvez um grito pelo direito a vida desses povos massacrados....

Renata Barros



S/ título – díptico; fotografia s/ vidro (2); 40 x 60 cm; 2000/2013

Roberta Salgado



Bandeira em brim vermelho (60 x 60 cm) e amarelo (40 x 40 cm), texto em tinta especial para tecido; 5 múltiplos; 2021

Roberto Negri



Tudo São Flores; arte digital, impressão fine art em papel 180 g.; 46 x 42 cm;
2021

Robinson Oliveira



Autorretrato; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2021

Rosangela Soares Pinto



Anomalia; arte digital, fotografia fine art, tiragem 1/5; 21,17 x 33,87 cm; 2021

Ryam Paès



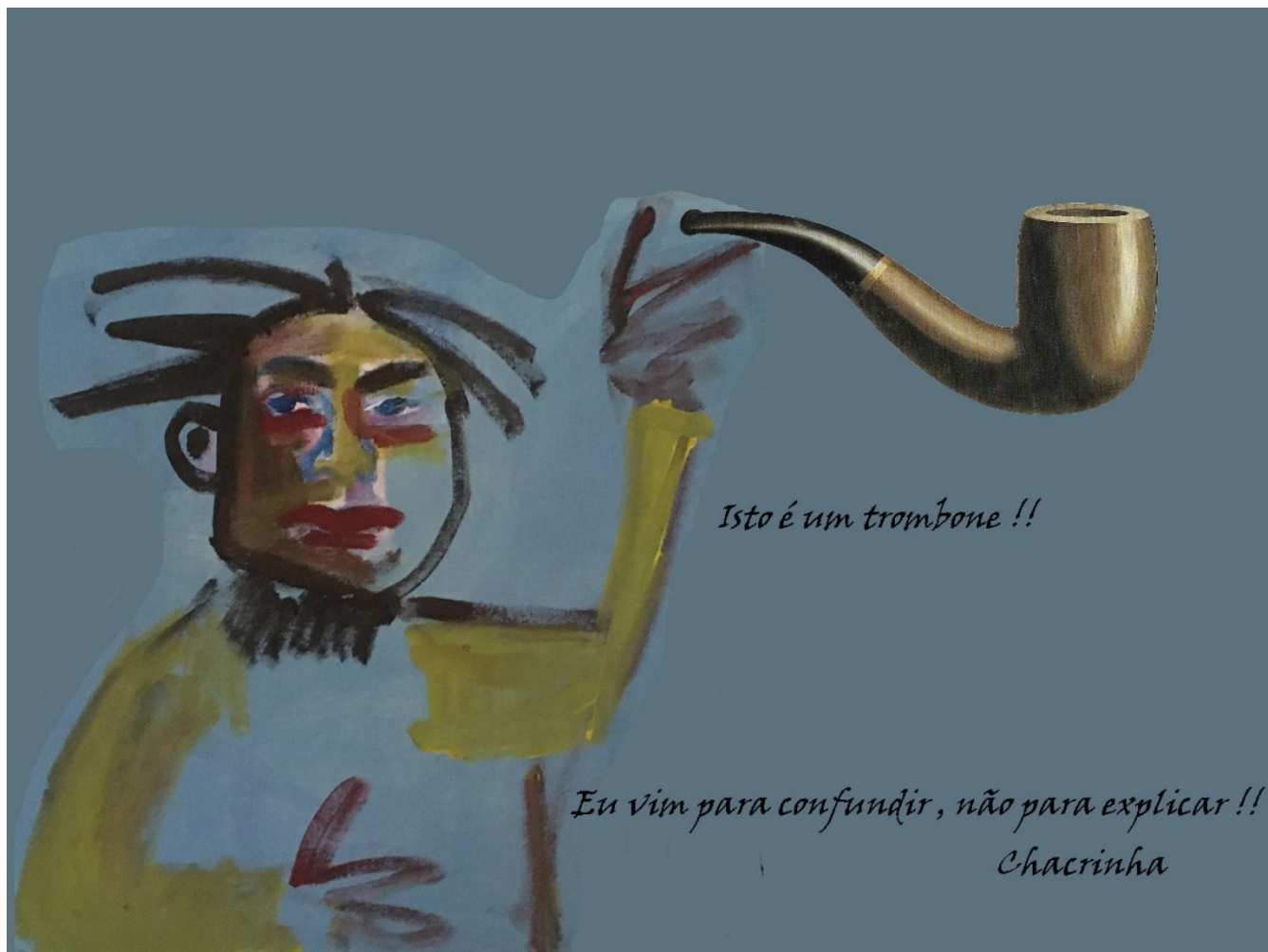
Ditadura dos Cupins; grafite s/ papel; 29,7 x 21cm; 2021

Sandra Macedo



Quem mandou? E por que?; desenho carvão s/ papel Canson; 34 x 40cm; 2012

Sandra Schechtman



Isto é um trombone; fotomontagem impressa em papel fotográfico adesivada em pvc; tiragem 10 cópias; 60 x 45 cm

Stela Kaz



Felino; cerâmica grés queimada a 1150°C, esmaltada com óxidos de cobalto, cobre e cromo; 22 x 32 cm; 2021

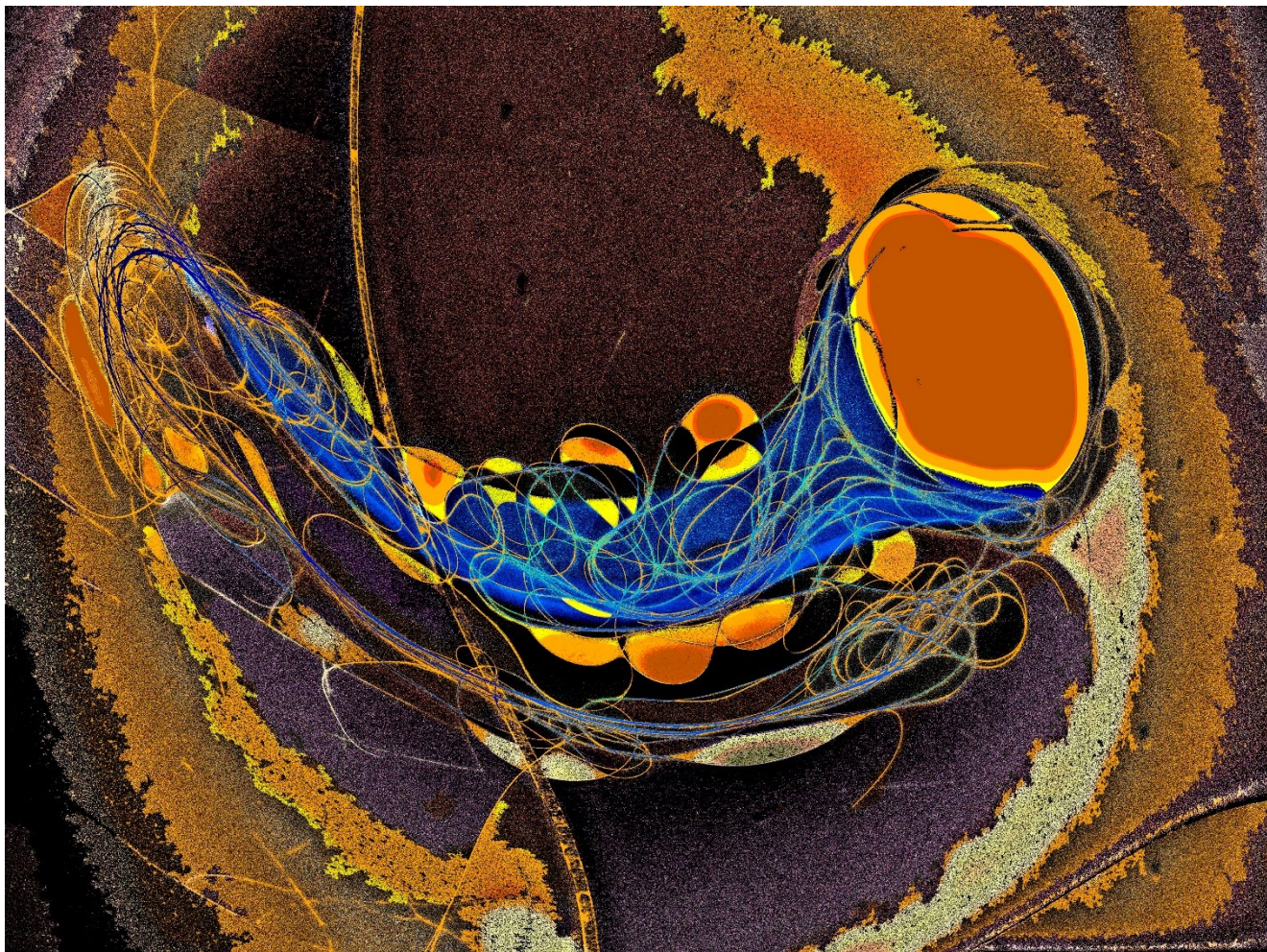
O felino está atravessando as águas de um igarapé, mansamente. Peça escolhida em função do tema "Chacrinha", que foi a voz de um Brasil alegre, em extinção.

Teresa Coelho



Vocês querem melancia?; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2021

Teresinha Mazzei



Trombone, série Diálogo das Linhas; arte digital s/ foto de fios, impressão fine art; 30 x 40 cm; 2021

Thairna Patricia Lee



Mother India "Kathakali/Kathak"; óleo s/ linho; 80 x 60 cm; 2021

Verônica Camisão



A revolta da bandeira; acrílica, spray acrílico e talagarça s/ tela; 70 x 128 cm;
2021

Vilma Lima



A mão que segura o terço; acrílica s/ tela; 50 cm de diâmetro; 2020

Vitória Marini



Ashamed; acrílica s/ tela; 137 x 89 cm; 2019

Zoravia Bettiol



Chacrinha: Irreverência, Provação e Diversão!; colagem e impressão sobre papel couchê; 29 x 30 cm; 2021